

PROCESSOS GRUPAIS E INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS

Ações e reflexões

Bruna Suruagy do Amaral Dantas

Andréia De Conto Garbin

Maria Aparecida Fernandes Martin

[orgs.]



PROCESSOS GRUPAIS E INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS

Ações e reflexões

Copyright © 2025 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Michelle Campos**

Revisão: **Marcelo Madeira**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação	13
Parte I — Perspectivas teóricas e possibilidades metodológicas dos processos grupais	17
1 Práticas grupais e as políticas do comum: desafios (in)superáveis?	19
<i>Eliane Regina Pereira e Allan Henrique Gomes</i>	
2 O processo de desenvolvimento grupal e o papel do coordenador na perspectiva do psicodrama/ sociodrama	29
<i>Maria Aparecida Fernandes Martin</i>	
3 Círculo de cultura e processo grupal: interfaces entre as teorias de Paulo Freire e Enrique Pichon-Rivière	43
<i>Robson Jesus Rusche</i>	
4 O trabalho com grupos na perspectiva da psicologia analítica	67
<i>Ana Lúcia Ramos Pandini</i>	
5 Entre demandas: desafios para a formação do psicólogo coordenador de grupos.	79
<i>Adriana Ricci dos Santos, Ana Carolina Fávoro de Almeida Costa e Luisa de Almeida Prado Arruda Pignalosa</i>	

Parte II — Experiências em Centros para Crianças e Adolescentes (CCA) e Centros de Desenvolvimento Social e Produtivo (Cedesp) 97

- 6 Diálogos grupais sobre ser jovem: a juventude passa, mas também fica 99
Andréia De Conto Garbin, Beatriz Gomes Barbosa e Giovanna Seixas Farinassi
- 7 Construindo uma identidade política: um processo psicossocial com crianças em um centro de convivência 117
Raul Alves Barreto Lima, Beatriz Fernandes Martin Farias, Giovana Lo Prete Fazan e Sabrina Giaretta Brasil
- 8 O eu, o outro, as emoções e o espaço: processo grupal com crianças de 3 a 4 anos 133
Maria Aparecida Fernandes Martin, Bruna Castiñeiras Lopes, Michelle Yejin Shim e Sara Kissimoto
- 9 Dos muros às pontes: quando as conexões transpõem barreiras 149
Susete Figueiredo Bacchereti, Danielle Laina de Godoi Erbolato e Giovanna Carletti Al Makul
- 10 A máquina do tempo: desenvolvimento de aspectos psicossociais e afetivos com jovens aprendizes 161
Raul Alves Barreto Lima, Giovanna de Sousa Riça e Nicole Mayumi Nakagawa
- 11 Por uma atenção psicossocial “criançável”: compartilhando trincheiras com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo 177
Isadora Simões de Souza, Ian Garcia Yamin, Lara Silveira Pillon, Luana Matsuda Torres, Lucas Cordon Martines e Victor Abreu Maskalenka

Parte III — Experiências em instituições de acolhimento a pessoas em situação de rua 191

- 12 Rodas de conversa: a palavra como possibilidade de reconstrução das existências dos habitantes da rua. 193
Bruna Suruagy do Amaral Dantas, Nataly Santana de Melo, Joulber Carvalho e Joyce Paiva

13	Roda de conversa e passeio com residentes de centros de acolhimento em um projeto de geração de renda	205
	<i>Robson Jesus Rusche, Carla Belandrino Rusig, Evelyn Torres Piconi e Mariana Bastos Deolindo</i>	
14	A música como mediador terapêutico para a criação de vínculos na população em situação de rua	227
	<i>Aline Souza Martins, Mariana de Mello Andreis e Marina Alves Martins</i>	
Parte IV — Outras experiências.		243
15	Elas cuidam: grupo de apoio psicológico a trabalhadoras domésticas.	245
	<i>Mariana Luzia Aron, Barbara Nascimento Rossetto, Beatriz Guardino Chohfi e Thainara da Rocha Jarillo</i>	
16	Grupos na abordagem da psicologia analítica com o uso da técnica de <i>sandplay</i> : relato de uma prática inovadora	255
	<i>Ana Lúcia Ramos Pandini</i>	
17	“Nem sempre o que a gente vê é o que a gente é”: fotolinguagem [©] e conversação com mulheres em serviço-escola	269
	<i>Aline Souza Martins, Denise de Moraes Zucato, Julia Caldas e Camilla Marques Grimaldi</i>	

PREFÁCIO

Com alegria, abrimos este livro afirmando a potência dessa realização coletiva que proporciona colocar no centro da reflexão as práticas e os processos grupais na psicologia social. Essa disciplina, em sua tradição no Brasil, nos trouxe a importante tarefa de estabelecer as práticas com grupos como processo de emancipação e transformação social.

Após décadas de amadurecimento e produção de conhecimento nessa área, temos vivenciado no país o estabelecimento da agenda neoliberal que avança sobre o comum, privatizando todas as esferas da vida, trazendo novos desafios na árdua tarefa de resistência. Os mecanismos de dominação se refinaram, produzindo discursos sedutores acerca da ideia de enriquecimento através do mérito individual. A ordem do dia é “ser o empresário de si mesmo”, “criar as suas próprias oportunidades” e trazer a ideia de que “só depende de você”. Esses discursos imperativos e falaciosos que se apresentam como empoderadores invisibilizam as formas de desigualdade e de exclusão social, culpabilizando o indivíduo e formalizando a experiência do fracasso como estigma e símbolo do sofrimento ético-político¹ de nossa contemporaneidade. Esse fenômeno é gerado por práticas políticas, econômicas e sociais que variam de acordo com campos de forças no processo de exclusão social, levando em conta a interseccionalidade de opressões.

A desregulamentação e precarização alçadas pelas novas modalidades de trabalho e agenciadas pela doutrina do individualismo operam um aumento da individualização do sofrimento que aparta o sujeito de sua coletividade e da consciência de sua produção social.

A essa contingência se atravessa o advento das novas plataformas virtuais que isolam os sujeitos atrás das telas de computadores e celulares, monopolizadas pelas *big techs*, que, através de seus algoritmos, capturam o desejo com o bombardeamento

1 Sawaia, B. B. “O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”. In: Sawaia, Bader B. (org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

de discursos de “motivação”, “competência”, “otimização” e “alta performance”, bem como fazem circular os afetos essenciais para o aumento da autoexploração e da custosa eficiência.²

Somado a essa conjuntura, o esgotamento ambiental produzido pelo capitalismo em sua forma neoliberal nos impôs a pandemia da covid-19, escancarando a necropolítica agenciada pelo estado que organiza a morte localizando-a nos corpos daqueles mais dominados — em nosso contexto, corpos pretos e periféricos. Essa circunstância estabeleceu restrições para estar em grupos, constituindo uma intensificação das formas de sofrimento psíquico.

Diante dessa realidade, tornam-se urgentes as reflexões e proposições na psicologia social acerca das intervenções em processos grupais para a produção do comum, compreendendo o comum como “o autogoverno dos seres humanos, das instituições e das regras criadas para ordenar suas relações mútuas. Está, portanto, enraizado na tradição política da democracia”³.

Entendemos, assim, o processo grupal como condição para criar formas de enfrentamento ao sofrimento ético-político⁴, tendo como direcionamento da intervenção do(a) coordenador(a) a produção do comum, ou seja, a realização de intervenções que favoreçam a “variação dos corpos para entrarem em relações de composição com outros corpos produzindo recursos materiais e imateriais (saúde, educação, conhecimento. etc.) que aumentem sua potência de agir nas forças que lhe atravessam e evitem as relações que possam decompor e destruir essa potência”⁵.

Nesse contexto, é necessário vislumbrar que a dinâmica grupal é entremeada pelos atravessamentos institucionais e sócio-históricos nos quais ela se insere, e que, portanto, os elementos contextuais aqui destacados participam das contradições a serem vividas no processo de emancipação e necessitam ser pontos de atenção na coordenação de grupos, colocando como centro da afirmação o critério de não apenas estar em grupo para o processo de superação das formas de dominação, mas também “como” estar em grupo, ou seja, valorizar um estar que se estabeleça com bases éticas e a construção coletiva com escuta empática e disponibilidade de lidar com o diferente de maneira respeitosa e horizontal, desbloqueando a potência de afetar e ser afetado nos

2 Han, B. C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

3 Laval, C.; Dardot, P. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 519.

4 Pereira, E.; Sawaia, B. B. *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João editores, 2020.

5 Garcia, D. F. *Cartografia teatral e teatro do oprimido: novos agenciamentos na análise da opressão*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/D.47.2023.de-07122023-170915. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-07122023-170915/pt-br.php>. Acesso em: 13 abr. 2025.

encontros, ampliando a potência de sentir, pensar e agir em direção à transformação de realidades opressivas.

A diversidade de intervenções — muitas se utilizando de atividades criativas, rodas de conversa, fotolinguagem⁶, música, dramatização, entre outras — traz à tona o “afeto” como conceito político nos processos grupais. Vale ressaltar que o afeto aqui não se trata do senso comum relacionado a carinho e/ou amorosidade, mas da perspectiva espinosana ligada à materialidade, relacionada às afecções que determinam e alteram o estado de um corpo no qual sua potência de agir é aumentada, diminuída, estimulada ou refreada. O afeto, neste sentido, é da ordem dos encontros com outros corpos e ideias, definido simultaneamente no corpo e na mente. Assim, é preciso conhecer o que afeta o corpo para entender o que afeta a mente e vice-versa.⁶

Essa colocação é importante para que se compreenda a importância de o corpo estar envolvido no processo de transformação dos sujeitos e da sociedade, sendo essa uma das ideias centrais da importância da arte, que aparece entre tantas narrativas dos textos aqui apresentados como dispositivo de atuação na psicologia social.

Este livro oferece, além de um arcabouço teórico, uma coletânea de diferentes experiências que inspiram aqueles que buscam atuar com grupos. A multiplicidade de abordagens teóricas e métodos de intervenção aqui relatados tem como horizonte ético-político comum a conscientização como um processo que articula elementos da racionalidade e afetividade para a composição de modos de enfrentamento das formas de dominação e do sofrimento.

Esperamos, assim, que as escritas aqui apresentadas inspirem e fomentem novas formas de estar e intervir em grupo que estejam a serviço da emancipação.

Boa leitura!

DANIELA FONTES GARCIA
KELLY CRISTINA FERNANDES

6 Fernandes, K. C. (2019). *Teatro social dos afetos*. Tese (doutorado em Psicologia Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Repositório PUC-SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22108>. Acesso em: 13 abr. 2025.

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne relatos e análises de práticas grupais realizadas por estagiários do sétimo semestre do curso de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O Estágio Específico de Práticas Psicossociais de Grupos, implementado no início de 2018, é uma disciplina semestral obrigatória cuja implementação exigiu do corpo docente articulação, comprometimento, diálogo e disposição para preparar e organizar a estrutura do estágio, que se mostrava complexa dada a quantidade de estagiários, instituições e supervisores envolvidos. No semestre que antecedeu a inauguração da disciplina, os professores participaram sistematicamente de reuniões periódicas nas quais discutiram a organização dos estágios, o estabelecimento de parcerias com diversas instituições e a elaboração de projetos de intervenção.

Para favorecer as parcerias interinstitucionais, os docentes dedicaram-se inicialmente à construção de propostas de práticas grupais destinadas a distintos públicos, em diferentes espaços de cuidado, assistência e socialização. No total, foram confeccionados trinta projetos, dentre os quais se destacam a desconstrução do racismo por meio da memória histórica, reflexão sobre as formas de violência e a naturalização do *bullying*, participação política dos jovens, promoção do letramento como prática social de leitura e escrita, intersecção entre pobreza, vulnerabilidade social e saúde mental, fenômeno de rualização nos espaços urbanos, iniciação ao mundo do trabalho, sexualidade na adolescência, os sentidos do envelhecer e as vivências da maturidade, a escuta do sofrimento em círculos de conversação, um olhar para as angústias históricas e experiências contemporâneas das mulheres e as dificuldades de migrantes e refugiados nos novos contextos culturais.

Os projetos elaborados foram apresentados às instituições nas primeiras conversas sobre o estágio específico de práticas grupais a fim de sinalizar possíveis modificações e adaptações conforme as especificidades de cada realidade. As propostas interventivas serviram de balizadores para as experiências grupais, não funcionando como um rotei-

ro rígido de atuação. Desde a implantação dessa disciplina no curso, foram formalizados convênios com cinquenta equipamentos sociais e saúde, públicos e privados. A fim de ilustrar a diversidade do campo de estágio, cabe discriminar os tipos de instituições conveniadas à universidade: Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), Centro de Atenção Psicossocial (Caps), Casa de Acolhida Especial para Famílias (Caef), Casa de Acolhida Especial para Idosos (Caei), casa de acolhida para adultos em condição de extrema vulnerabilidade social, casa de convivência à população em situação de rua, Centro Temporário de Atendimento (CTA), Serviço Integrado de Acolhida Terapêutica (Siat), Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (Cedesp), Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (Saica), Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Cedeca), Instituição de Longa Permanência para Idosos (Ilpi), escola estadual e municipal, centro de educação infantil e instituição de acolhimento para migrantes, refugiados e apátridas.

Além das parcerias com equipamentos públicos e organizações não governamentais, o estágio também pode ser desenvolvido no serviço-escola de psicologia, que oferece à comunidade local atividades grupais para distintos públicos e faixas etárias, como os grupos de mulheres, de adolescentes, de idosos, de estudantes universitários e de jovens negros. Os grupos são espaços democráticos de trocas simbólicas e afetivas, nos quais temáticas diversificadas são abordadas e discutidas, visando ampliar o diálogo, criar e fortalecer vínculos, desenvolver consciências e expandir horizontes. As práticas grupais, realizadas semanalmente, são supervisionadas com a mesma periodicidade. Apesar da existência de projetos de intervenção previamente elaborados, cada atividade é (re)construída a partir das vivências específicas entre os participantes, que ocorrem em cada encontro e em cada instituição.

As práticas psicossociais com grupos visam ampliar o olhar para a importância do desenvolvimento humano, considerando em sua composição o Eu, o Tu e o Nós, o individual e o coletivo, o solitário e o solidário, compreendendo que o indivíduo é constituído pelo contexto social que vivencia, ao mesmo tempo que o constitui. Entendemos que grupos não são simplesmente um aglomerado de indivíduos, mas pessoas com diferentes propostas de relação que se unem, coconstruindo objetivos comuns e desempenhando papéis que se integram e se complementam.

Assim, dispositivos grupais não estão a serviço da otimização de práticas interventivas por altas demandas dos serviços de assistência, educação, socialização e saúde, mas suas características potencializam ações compostas pela intersubjetividade de seus integrantes, que deixam sinais, marcas, partículas dessas vivências que também afetam o Eu, além de comporem novas histórias, manifestando-se assim de maneira, inter, intra e transubjetiva.

As diferentes modalidades grupais praticadas e discutidas nas intervenções destacadas neste livro visam atender as demandas dos grupos e ser suficientemente flexíveis para propiciar o trabalho com temáticas diversas e com a participação de públicos heterogêneos, como as ações com grupos precisam ser, contemplando a diversidade existente em nossa cultura e sociedade, em suas necessidades e atentando aos diversos sofrimentos e constituições desses.

Dessa forma, as intervenções ora privilegiam grupos abertos e fechados, ora contemplam processos grupais com vários encontros sequenciais, ora se desenvolvem a partir de atos interventivos, proporcionando escutas, coconstruções e cocriações dos diversos contextos sociais à nossa volta.

Esse processo diverso também se deu na construção deste livro. São várias vozes, saberes e fazeres expressos, compostos pelas trocas e aprendizados constantes de nossos encontros com grupos, e que certamente não são finalizados com sua publicação. Assim, convidamos o leitor a somar nessa atenção e construção cotidiana e coletiva que se faz necessária para a prática da psicologia como ciência e profissão.

As experiências grupais reverberam na formação de nossos alunos promovendo deslocamentos analíticos na perspectiva de superar as dicotomias entre o individual e o grupal, a subjetividade e a objetividade. O exercício de reconhecer a realidade institucional e dos grupos e dialogar com os pressupostos teóricos que sustentam os projetos/intervenções promove encantamentos e angústias. O relato das alunas, nas supervisões, revela a magnitude, a potência e o comprometimento com a prática e desvela preocupações e compromissos éticos. Nesse contexto, reconhecemos um processo que tende a uma interpretação individualizante e reducionista dos fenômenos institucionais e grupais, por vezes patologizantes e culpabilizantes, sustentada em diagnósticos e estigmas. Essa percepção motivou esse projeto de registrar as experiências formativas na graduação em psicologia. É possível que ressoe familiar a muitos docentes, mas nos move o desejo de problematizar como a dimensão “social” pode revelar reducionismos conceituais.

Os estágios, em sua maioria, ocorrem em instituições vinculadas ao Sistema Único de Assistência Social. Neste contexto, a categoria vulnerabilidade social, presente nas políticas sociais, rapidamente passa a explicar as situações vivenciadas pelas pessoas por suas carências e fragilidades: *sem teto, sem pai, sem dinheiro, sem família, sem comportamento*. São recolhidos registros nos diários de campos nos quais as condições sociais são reconhecidas da perspectiva do indivíduo ou grupo vulnerável e, conseqüentemente, recai sobre cada um a responsabilização pelas desigualdades que vivem; portanto, a categoria explicativa mantém o viés individualista e a naturalização da desigualdade social. Assim, o estágio em práticas grupais ancora-se na problematização do univer-

salismo aplicado ao sujeito, ao humano e às condições sociais e recupera a dimensão histórica dos fenômenos marcados por formas de opressão no país. O sistema de dominação e opressão marca a dimensão estrutural de classe, raça e gênero a ser reconhecida nas intervenções em práticas grupais.

A experiência dessa modalidade de estágio tem mostrado uma ampliação teórica-conceitual e a ressignificação da dimensão social e grupal. Também possibilita a imersão nos universos das políticas públicas sociais e nas redes solidárias e comunitárias existentes. Espera-se que a experiência favoreça o exercício da criticidade por parte dos estagiários e os projetos reverberem na construção de práticas menos autoritárias nas instituições. A transformação social, compreendida como processo histórico, constitui o eixo transversal das experiências aqui relatadas.

Boa leitura!

Parte I

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS E
POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS
DOS PROCESSOS GRUPAIS**

1 PRÁTICAS GRUPAIS E AS POLÍTICAS DO COMUM: DESAFIOS (IN)SUPERÁVEIS?

ELIANE REGINA PEREIRA

ALLAN HENRIQUE GOMES

No livro *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*, Pereira e Sawaia (2020) assumem a importância da temática grupos para a psicologia social, mas esclarecem que optam pela expressão prática grupal por entenderem que falam das ações coletivas planejadas e executadas nos espaços das políticas públicas. Falam, portanto, de relações de cuidado, circunscritas em um tempo e um espaço cuja intencionalidade não se restringe à reunião de pessoas, mas tem como objetivo a potencialização da vida.

Pereira e Maheirie (2022) iniciam o capítulo “Práticas grupais: a dialética na formação do comum” assumindo também que o estudo dos grupos é fundamental para a psicologia social. Na sequência, buscam compreender as práticas grupais a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vigotski e da compreensão de Sartre de que a prática grupal se faz práxis coletiva enquanto é *locus* de emancipação.

No artigo “Grupos dialógicos: inspirando fazeres grupais a partir de conceitos bakhtinianos”, Turci, Pereira e Rasera (2023) defendem o espaço do grupo como dialógico, entendendo que as falas precisam ser horizontalizadas, ou seja, todos precisam de espaço de fala e escuta. Seria, portanto, um espaço de acolhimento das falas, não necessariamente de concordância, mas de acolhimento. Ao mesmo tempo, é preciso entender que a fala é em si polifônica, ou seja, cada um dos sujeitos carrega em suas palavras a sua história, tramada no contexto histórico e social que lhe é constitutivo. O “grupo dialógico não se constitui como lugar em que os sujeitos se expressam, apenas, pois esse lugar seria o lugar da simples reprodução de outros dizeres, mas sim o lugar da ativa coautoria de discursos, da criação de enunciados” (Turci, Pereira e Rasera, 2023, p. 85), evidenciando, assim, o modo como práticas grupais éticas, devidamente planejadas e teoricamente orientadas, podem compor potencialmente as histórias dos usuários dos serviços psicossociais.

No capítulo que agora escrevemos, seguimos a mesma compreensão de grupo como espaço de cuidado e de potencialização da vida, que se dá no encontro, na práxis